

ECOFEMINISMO E ABOLIÇÃO ANIMAL: QUEBRA DA LÓGICA PATRIARCAL POR UM NOVO PARADIGMA

LORENA LÚCIA C. MONTEIRO¹
LÍVIA FREIRE DA SILVA²

Resumo: Este trabalho vem expor uma possibilidade de libertação animal e humana, através de uma mudança do paradigma patriarcal, trazendo em substituição, a visão feminina de mundo, como uma nova ética de harmonia e respeito á natureza, contrária a lógica patriarcal, essa por sua vez predatória e exploratória, que tem a natureza e seus elementos, humanos ou não-humanos, como instrumentos úteis.

1.A questão feminina

2. A exploração animal

3. Conclusão

4. Conclusões articuladas

4.1 Retomada da visão feminina de mundo

4.2 Questionar a ciência

4.3 Questionar as políticas ambientais

4.4 A luta anti-racismo, especismo e sexismo no mesmo sentido

1. A questão feminina

Nos mitos, dramas e tragédias gregas, podemos observar a luta entre os valores matriarcais e patriarcais, onde esse último lutava para se impor, uma luta conflituosa, onde a lógica patriarcal viria a introjetar o poder de dominação e violência. Em alguns mitos do Oriente Médio, a Deusa é estuprada, assassinada, humilhada, etc. Mostrando aí a simbologia de uma passagem de uma ética de respeito e adoração para uma ética de violência e dominação. Anteriormente se havia uma conciliação das duas forças. Para a filosofia chinesa, um equilíbrio entre o yin e o yang. Com isso um respeito sagrado á natureza, essa por sua vez representada por deusas, mulheres, sendo a Terra referenciada como mãe. Não cabe neste trabalho, porém, um maior aprofundamento e relato de tais mitos, que por sua vez não precisam deixar de serem exemplificados de forma passageira. Como exemplificação do conflito que se deu no processo de introdução do patriarcado podemos citar a simbologia trazida pela serpente, um animal dotado de poder feminino, símbolo da grande Deusa, é reverenciado várias vezes nos mitos, sendo morta e exterminada, para simbolizar a derrocada do feminino na história. No trabalho de Neusa Helena Rocha Barbosa³, podemos encontrar vários exemplos de mitos que ilustram essa passagem de

¹Aluna de ciência sociais - UFPB

² Aluna de antropologia e culturas indígenas - UFPB

³ BARBOSA, Neusa Helena Rocha. O feminismo e a questão ambiental: Faces da mesma moeda.

necessidade de imposição dos valores patriarcais, que contaram com a tensão resultante da convivência entre deuses e deusas:

Vejam, Zeus, Deus dominador que reina através de atos cruéis, incluindo estupros a mortais e ninfas, engravida e engole Métis, a Deusa da sabedoria, com medo de ser destronado por esse filho. Tem uma tremenda dor de cabeça e precisa rachá-la. Desse ato nasce Atena, que salta de sua cabeça adulta e armada. Dioniso, outro filho de Zeus, é arrancado do ventre de sua mãe e nasce após ter sido gestado na coxa de seu pai.(pág.15) (...)Por exemplo: Zeus mata Sífon; Apolo mata Píton, a serpente monstruosa que é claramente uma referência a um relicário da Deusa cretense; Hércules mata Ladnon, guardiã dos pomos de ouro da Deusa Hera; e quando Perseu mata Medusa, mulher de cabelos de serpentes e garras de dragão, e Atena usa a cabeça da górgona em seu escudo. O que está por trás desse mito é a destruição de um antigo culto à Deusa em que se vestia uma máscara para afastar os não-iniciados⁴.

Engels, em sua obra “Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”⁵ faz referência a essa época de conflito e a instalação da lógica patriarcal como “O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo.”⁶ Que se deu com o domínio do homem sobre a agricultura, sobre a criação de gado, utensílios de metal e, como ele se refere, sobre o gado humano: o escravo⁷. De acordo com a divisão do trabalho da família de então, cabia ao pai procurar alimentos e utensílios, sendo conseqüentemente esse, dono de tais utensílios. Tendo essas posses, mais importância que as posses da mãe se deu a necessidade de uma mudança no sistema de herança, pois os filhos se viam deserdados no caso da morte do pai. O direito materno foi substituído pela filiação masculina e pelo direito paterno, que acarretou por exemplo, no costume de dar ao filho um nome pertencente a gens do pai. Esse problema de herança de riquezas só pôde ser resolvido com a passagem para o patriarcado.

O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. Essa baixa condição da mulher, manifestada sobretudo entre os gregos dos tempos heróicos e, ainda mais, entre os dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocada, dissimulada e, em

⁴ BARBOSA, Neusa Helena Rocha. O feminismo e a questão ambiental: Faces da mesma moeda. p.17.

⁵ ENGELS – Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.

⁶ idem, p.61

⁷ idem, p.58

certos lugares, até revestida de formas de maior suavidade, mas de maneira alguma suprimida⁸.

Fazendo referência á situação da mulher na mitologia e a um marco da era em que essas passam a ser sobrepostas por uma cultura patriarcal, Engels cita Marx:

Enquanto a situação das deusas na mitologia, como assinala Marx, nos fala de um período anterior, em que as mulheres ocupavam uma posição mais livre e de maior consideração, nos tempos heróicos já vemos a mulher humilhada pelo predomínio do homem e pela concorrência das escravas⁹.

E ressaltando mais uma vez a existência de um estado matriarcal anterior, baseado no equilíbrio e na convivência pacífica entre os dois extremos em contraponto a um marco que vem colocar o patriarcado como vigente, Engels e Marx se referem a relação homem/mulher como a primeira divisão do trabalho já feita, a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. Diz ainda que esse período dura até nossos dias, *“no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam ás custas da dor e da repressão de outros.”*¹⁰ Outra vertente aponta o cristianismo como causador maior dessa oposição natureza/homem, que veio com a afirmação de que Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, trazendo uma idéia de que esse homem se sobressai a natureza, é diferente dela. Com o cristianismo os Deuses já não habitam mais o mundo, já não fazem parte da natureza, o cristianismo trás um Deus no céu, regendo a vida dos humanos. Com o pensamento de Aristóteles e Platão é que se vem aparecer um desprezo pela natureza, a supremacia do homem, um fanatismo pela racionalidade e os pensadores anteriores são acusados de míticos, não filósofos.

Outro exemplo de conflito entre o sagrado e o racional, nessa batalha pela supremacia do pensamento e da ética patriarcais, foi o episódio da caça as bruxas que terminou com milhões de mulheres queimadas, sendo que houve casos em que das 800 mulheres da localidade, 788 foram queimadas. Rose M. Muraro¹¹ diz que a caça as bruxas foi uma perseguição bem planejada pelas classes dominantes, se tratando de uma questão tanto econômica como social. Por um lado buscando a centralização do poder, por outro exterminando a ameaça que causavam as mulheres com seu domínio sobre o poder de cura, com o avanço da ciência esse domínio tinha que ser negado. A solução veio em forma de extermínio dessas mulheres através da Santa Inquisição, criada pela Igreja para conter o pensamento divergente. E é através do medo e pavor criado pela Santa Inquisição que se formata o comportamento de homens e mulheres, surge aí a figura da pacata dona de casa, mãe dedicada, doméstica. O pensamento judaico-cristão veio assim a reduzir a sexualidade à

⁸ idem. p.61

⁹ idem p.67

¹⁰ idem p.71

¹¹ MURARO – Textos da fogueira, p. 37-8-9

atividade reprodutora, pois satisfazer os instintos é, a partir daí, pecado. Nasce o amor dissociado do corpo, reforçando a família nuclear e o casamento monogâmico.

Enfim, a emergência do feminino: a emancipação feminina se mostra como uma das mais importantes da história, mais humanizadora dos tempos modernos e, de fato, uma das mais transformadoras. Em cinquenta anos, em média, o feminismo contribuiu para diversas mudanças no sistema social, seja no âmbito da educação, saúde, nos movimentos ambientais, pacifistas, no direito. Lutaram pelo voto feminino, pelo direito de decidir sobre o próprio corpo, pela liberdade sexual, direito ao orgasmo, liberdade econômica, controle de natalidade, etc. E apesar de várias dessas contestações terem resultados positivos, a luta e o esforço das mulheres nesse movimento, segue de forma a contornar várias questões que a mulher ainda sofre em nossa sociedade, seja a violência e até mesmo a tortura que a mulher sofre em algumas culturas (por exemplo, a mutilação feminina sofrida por mulheres em países da África, Índia), a prostituição infantil, estupros e assassinatos contra as mulheres e até mesmo a violência simbólica, introjetada cotidianamente na cabeça das pessoas. E concordamos, de fato, que essa luta possa ir além e contribuir para a quebra de valores patriarcais, esses por sua vez, internalizados em nossa sociedade, não apenas no âmbito da exploração da mulher mas também da exploração animal, das relações entre os homens, das relações de produção capitalistas, enfim, do sistema social, no geral.

2.A exploração animal

Dentro de um sistema de poderes sobrepostos uns aos outros, as camadas de estratificação social acarretam na divisão de poderes, inseridos nessa divisão de poderes, se encontram o patriarcado e as relações econômicas.

Se formos analisar as relações sociais entre nossa sociedade e os chamados primitivos, veremos que a crueldade aos animais, e a desigualdade entre homens e mulheres chega a ser uma relação histórica. Relacionarei aqui os azanes dentro de um processo ritual: os azanes consultam um oráculo, sendo esse uma galinha, a consulta é feita com veneno, se a galinha morrer é verdade, se viver é mentira, aí está a relação de crueldade com os animais, mais a frente nota-se que a mulher não tem igualdade de direitos.

[...]Uma mulher não pode consultar diretamente o oráculo e veneno, geralmente confiando essa tarefa ao marido[...]¹²

A crueldade com os animais é algo percebível dentro das relações sociais na sociedade nativa e na nossa. A base econômica de nossa sociedade é de exploração, seja ela de indivíduo para indivíduo, como correu no Brasil como colônia de extração, até os dias de hoje, ou a exploração animal. As relações de exploração não permanecem estagnadas, sempre tem que ser revigoradas de alguma forma, o capitalismo tem que se adequar para suprir as necessidades humanas. O que se

¹² DOUGLAS, Pureza e Perigo, p.40

pretende dizer aqui, é até onde essas necessidades são usadas como ética e respeito aos demais.

Ao analisar uma esfera totalmente específica, você se depara com a ambigüidade das relações de exploração e percebe que o lucro obtido da exploração animal é algo totalmente cruel, que há outras alternativas possíveis para a economia, soltando as amarras do aprisionamento animal. O que se vê na nossa sociedade bucólica é confinamentos que teimam em dizer que são fazendas e criadouros, onde animais são criados para fins de abate, reprodução e extração (leite e ovos). O problema é que o indivíduo só percebe o alimento em sua mesa e não vê o lado da crueldade nas fazendas, onde animais são confinados em pequenos estábulos e gaiolas , sem vê a luz do dia e sem alimentos, sem ao menos se mexer. A crueldade não consiste só na alimentação, já que além de animais de corte e extração, existe toda uma indústria de testes de produtos cosméticos e medicamentos. Em uma análise mais ampla o que se percebe é um intuito de lucro através do consumo, quando esse consumo passa a ser, digamos, antiético, acarretará em desajustes ambientais. Em pesquisas recentes o que se foi provado, foi que o consumo de carne provoca degradação na camada de ozônio, degradação de reservas ambientais, poluição de rios e mares, e outros fatores agravantes, que os indivíduos, seja porque nativo for, continuam sem entender a probabilidade de problemas, entretanto, as industria alimentícia continua a perpetuar o ciclo de exploração, valor e lucro.

O que se supõe é que existe uma situação de estado laico, gerando um ciclo de relações onde o animal é tratado como coisa, percebendo-se, porém, que ao usar o animal ao seu benefício, o homem tenta subir um patamar mais elevado em relação aos não-humanos.

Peter Singer¹³ em sua teoria de igualdade entre humanos e não-humanos, refere-se aos não-humanos como iguais aos humanos e diz ainda que somos todos iguais perante a lei, apesar do fato de não serem idênticos, a igualdade tem que existir. O que se pode ver porém é que o indivíduo humano não trata os não-humanos com igualdade, continuando a exploração ao longo da sua perpetuação na Terra, utilizando os animais para seus próprios fins.

Ao longo das décadas os animais sempre estiveram associados ao usufruto e essa prática continua sendo usada até os dias atuais, construída através de uma visão antropocêntrica, classificando os animais em comestíveis e não comestíveis. Contudo se formos analisar a estrutura que existe dentro das relações animal-humano e animal não-humano, veremos que sempre existia uma relação de superioridade e que o humano não quebra esse elo por motivos de interesses financeiros, capricho gastronômico, comodismo e até relação de status.

O que quer se dizer a respeito de categorias humanas e não-humanas é que dentro da esfera terrestre habitam dois tipos de animais, os tido como racionais, com capacidade de raciocínio lógico e os não animais, seres sem essa capacidade. O ponto chave para a convivência igualitária entre essas espécies, a princípio, seria o fim do especismo, pois assim como o racismo e o machismo, o especismo é um preconceito que deve ser quebrado. Animais não-humanos podem não ser dotados de cérebro desenvolvido e inteligência como o humano, mas tem sensibilidade visível, e se a exploração e crueldade para com esses seres continuar, é sempre sinal de que esse

¹³ SINGER, Peter. Liberação Animal

raciocínio não está sendo usado para fins benéficos, ou então é sinal de que está perdendo uma lógica de responsabilidade ética. As relações de superioridade do homem para com o animal é algo presente na sociedade desde as épocas primordiais, tomando as técnicas de exploração animal, seja por qual via for, técnicas milenares. Existe uma dualidade nesse sistema de exploração animal, para fins lucrativos ou não, contudo essa relação de exploração, apesar de arcaica, toma conta da sociedade, tomando o indivíduo estagnado a participar direta ou indiretamente de algo tão cruel quanto o holocausto judeu.

A evolução humana nos faz deixar para trás alguns pensamentos arcaicos, o que se tende, é quebrar de vez certos preconceitos e preceitos que rondam a raça humana, os paradigmas centrais dessa evolução seriam destruir com esse pensamento de superioridade, exercido pelo patriarcado e a indústria de exploração animal.

Existem opiniões diversas á respeito da utilização animal para o interesse humano, o que se vê, porém, é uma cadeia de status, adquiridas com o exercício da exploração animal, e quando se fala em estado laico para se enxergar essa realidade dentro das relações sociais, fala-se também do modo como é visto um animal-humano e o não-humano, se partimos de um ponto de entendimento dessas relações, toda a cadeia de igualdade não se concretiza e o indivíduo humano como uma forma tradicional , continuará o ciclo de exploração. Partindo de um ponto de simbologia social, o símbolo de sacrifício animal não representa crueldade se o elo de igualdade não se fortalecer.

[...] é fácil ver com um corpo de um boi sacrificial está sendo como um diagrama de uma situações social, mas quando tentamos interpretar os rituais do corpo humano da mesma maneira, a tradição psicológica deixa de olhar a sociedade, voltando de novo para o indivíduo. Rituais públicos podem expressar interesses públicos quando usam batentes de porta ou sacrifícios animais; mas os rituais públicos representados sobre o corpo humano são feitas para expressar interesses privados e pessoais.¹⁴

O pressuposto é que, a partir da interpretação dos rituais, é que se inicia preocupações com o tratamento dos humanos e não-humanos, sendo essas relações de interesses sobre os não-humanos.

As relações históricas só vêm fortalecer a hipótese de que dentro das camadas sociais, o que se sobressai é a exploração em termo dos acometidos pela estratificação social, das tidas como animais irracionais e das relações do patriarcado. O homem, ao longo de seu fortalecimento como indivíduo dotado de raciocínio lógico, prosseguia a explorar indivíduos tidos como inferiores e animais não-humanos. Como forma de fortalecimento, a adequação desse sistema de exploração, do consumo da carne e derivados de animais entrou em processo de industrialização para fins lucrativos. A hipótese que deriva daí é que a falta ética ultrapassaria os níveis das relações humanas e não-humanas, quando o indivíduo pensa em lucro a

¹⁴DOUGLAS, Pureza e Perigo, p.142

cerca de vidas inocentes que não tem o direito de escolha, o que se vê é um amontoado de criadores, fazendas, indústrias usadas para fins lucrativos.

O que poderá libertar o animal dessa condição de uso, é tirá-lo da condição de mercadoria, essa é uma proposta para tirar o animal dessa condição de uso.

Quando se fala de relação homem=animal, lembra-se de lugares onde animais são criados na condição de Deuses, o que se percebe, contudo, é que essa relação de, digamos, superioridade animal, tem fins benéficos para os humanos, e que o valor de lucro ou de uso está atrelado a toda essa conjuntura.

O que há é uma tensão entre as relações capitalistas e o respeito para com os animais, existindo um problema com o convívio animal, pela relação custo-benefício.

Partindo para uma análise mais detalhada a respeito do amor para com os animais, o que vemos são, em alguns casos, uma simplória relação contraditória, quando se fala em amor pelas vacas, lembra-se logo da Índia, a vaca lá é tida como sagrada. Porém, essa é usada pelo humano com símbolo do divino, por trás dessa situação de Deus e servo, ainda existe uma relação de aproveitamento desse ser em situações diversas, sempre existe uma adaptação de exploração, mesmo que na Índia não se coma a carne da vaca, ela continua sendo explorada para fins reprodutivos.

[...] O camponês indiano que não for capaz de substituir o seu gado doente ou morto, encontra-se na mesma situação do agricultor norte-americano que não pode substituir ou repassar o trator quebrado. Ma há uma grande diferença: Os tratores são feitos nas fábricas, enquanto os bois são produzidos por vacas. O agricultor que possui uma vaca, possui uma fábrica de produzir bois. Com ou sem amor às vacas, isto já seria uma boa razão para que não a vendesse ao matadouro. Começa-se também a perceber porque os camponeses indianos estão prontos a tolerar vacas que dêem apenas 227 litros de leite por ano. Se a principal função econômica da vaca zebu é gerar animais machos para carga, então não tem cabimento compará-la com as especializadas vacas leiteiras norte-americanas, cuja principal função é produzir leite.¹⁵

O que se quer relacionar aí são os diferentes níveis de exploração animal, pois exploração não consiste no ato da extração de produtos comestíveis e sim do ato de se usar o animal ao seu benefício, usurpando seu direito natural de liberdade.

3. Conclusão

¹⁵ HARRIS. Vacas, porcos, guerras e bruxas, p.20

Partimos de um pressuposto de que a lógica que explora as mulheres é a mesma lógica que explora os animais, a lógica do patriarcado. Não há possibilidade de conciliação entre a lógica predatória e de exploração do patriarcado, que é caracterizada pela violência sobre a natureza, sobre as classes, sobre os fracos e sobre as mulheres, com uma conduta de preservação da natureza e respeito aos direitos dos animais. Só uma mudança de paradigma que supere o patriarcado pode trazer a possibilidade de responder aos desafios que dizem respeito aos limites e direitos da natureza. Propõe-se assim, um resgate da visão feminina de mundo.

Antes um mundo explicado pelo religioso, onde os deuses estavam por toda parte, eram a própria natureza e tudo se era explicado por ela mesma, depois um mundo explicado pela ciência, uma distinção entre homem/natureza, sujeito/objeto, alma/matéria. Hoje se faz necessário uma visão científica, porém, de caráter não-antropocêntrico. Propõe-se um resgate do feminino, em contraponto ao patriarcado e seu modelo predatório de desenvolvimento e à sociedade industrial e colonial que tem a natureza como objeto de exploração e de dominação desenfreada da natureza pela técnica.

Podemos perceber a dor e a repressão que está submetida à natureza e seus elementos nesse processo de desenvolvimento social, político e econômico, dentro do mesmo modelo que oprime mulher, negro, pobre, etc. E nos faz, ainda, questionar até onde confiar em propostas de preservação, de redução de danos e até quando confiar cegamente na ciência para solução de tais problemas apontados até então, uma vez que essa ciência não apresentar uma proposta, digamos que iconoclasta, de negação e de mudanças de paradigmas. Sendo assim, é preciso entrar numa discussão sobre a forma de lidar com tais problemas, questões como ética, o sagrado, a ciência, o encantamento e reencantamento do mundo e uma proposta de retomada do feminino ou uma atenção voltada para uma ciência não-antropocêntrica, tudo isso como temas a se debruçar a fim de uma solução para a problematização proposta.

Sendo assim se faz necessário uma luta contínua e por sua vez, em uma totalidade, que busque transformar qualquer forma de exploração e submissão, seja das mulheres, dos homossexuais, dos negros, dos animais, da natureza, enfim. E só uma luta com essa dimensão anti-sexista, anti-racista e anti-especista pode trazer uma maior mudança de paradigma, uma transição de uma sociedade patriarcal de dominação e exploração para uma sociedade feminina, harmônica. Um novo paradigma não-antropocêntrico que venha a preencher o vácuo instaurado com a perda do sagrado, anterior à revolução científica, que era a base para uma relação de respeito e distanciamento para com a natureza.

O mundo necessita essa retomada do feminino, para mudar esse caráter antropofágico, uma máquina da fome. O capitalismo passa por cima de tudo que não gera lucro, o mundo está baseado na racionalidade, no materialismo e no estruturalismo e não se vê espaço para o princípio feminino intervir e equilibrar essas forças, trazendo consigo o poder de alterar ou subverter a lógica consumista, egoísta, mostrando um novo paradigma, novos valores, uma nova ética. E um olhar especial é dado para a libertação animal, por talvez, essa ser a última fronteira ética que precisa ser ultrapassada, já foi absurdo a emancipação das mulheres e abolição dos escravos, hoje muitas pessoas ainda não aceitam a abolição animal. E da mesma forma que os sexistas violam o princípio da igualdade entre os sexos, os especistas violam o princípio da igualdade entre as espécies, no momento que se serve da outra espécie,

explora e não a reconhece como ser. O que falta, assim, é uma expansão dos horizontes, no mesmo caminho que se deu a emancipação feminina e que ainda se dá nos dias de hoje. E o que se propõe é um caminho duplo e de mútua ajuda, a luta pela emancipação feminina e a luta pela abolição animal.

4. Conclusões articuladas

4.1. Retomada da visão feminina de mundo

Propomos, enfim, uma retomada da visão feminina de mundo, não a retomada de um estereótipo feminino mas a retomada de uma lógica que contraponha e equilibre a visão patriarcal, que atualmente se mostra predominante.

4.2. Questionar a ciência

deve-se questionar sempre a credibilidade cega na ciência como solução de todos os problemas ambientais, tendo em vista que essa nem sempre é capaz de perceber os riscos, a ética e outros aspectos que envolvem a questão. Podendo essa ciência atuar como um reencantamento do mundo, podendo ser dogmático ou arbitrário.

4.3. Questionar as políticas ambientais

Deve-se questionar também, as políticas ambientais que não questionam e não ameaçam as relações capitalistas de mercado, a lógica patriarcal e a sociedade de consumo. Tendo em vista que muitas respondem apenas á ética utilitarista de “preservar para explorar mais”.

4.4 A luta anti-racismo, especismo e sexismo no mesmo sentido

Não isolar as lutas de emancipação feminina e abolição animal, desde que se é pressuposto que as duas tem origens no sistema patriarcal e capitalista de dominação e exploração. Deve-se associar a luta anti-sexista, anti-racista e anti-especista.

Referências Bibliográficas

ENGELS, Friedrich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. 12 Edição. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1991.

BARBOSA, Neusa Helena Rocha. O feminino e a questão ambiental: Faces da mesma moeda. Fortaleza, Ceará, 2001.

DOUGLAS, Mary, Pureza e Perigo. Editora Perspectiva. São Paulo, Brasil, 1996.

MURARO, Rose Marie. Textos da Fogueira. Brasília: Letra Viva, 2000.

SINGER, Peter. Libertação Animal. 1975.

HARRIS, Marvin. Vacas, porcos, guerras e bruxas: os enigmas da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PELIZZOLI, M.L. Correntes da ética ambiental/M.L.Pelizzoli – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.